

SANTUÁRIOS: CAMINHOS DE CONTEMPLAÇÃO DA BELEZA DE DEUS

*Leomar Antônio Brustolin**

Resumo

As diversas religiões ergueram grandes monumentos de fé que se tornaram meta de peregrinações. Na experiência cristã os santuários simbolizam materialmente o encontro das pessoas com o Criador. As romarias e as festas que neles acontecem refletem a busca de paz, de beleza e de sentido. No meio das crises atuais os santuários continuam atraindo e reunindo cristãos sedentos de uma experiência de Deus capaz de unificar os fragmentos do cotidiano. Neste artigo apresentam-se alguns elementos bíblicos e teológicos que caracterizam o santuário como lugar onde brilha a beleza de Deus, onde ele arma sua tenda no meio do povo e consola seus filhos, peregrinos para o santuário definitivo. A reflexão focaliza a religiosidade popular como lugar privilegiado desse encontro entre o humano que busca e o Deus que vem habitar no meio de seu povo.

PALAVRA-CHAVE: santuário; religiosidade popular; contemplação; beleza, fé.

Abstract

The diverse religions have built great monuments of faith that became goal of peregrinations. In the Christian experience the sanctuaries symbolize materially the meeting of the people with the Creator. The pilgrimages and the parties happening reflect the search of beauty and peace. In the present crises the sanctuaries continue attracting and congregating Christians thirsty of an experience of God capable to unify the fragments of the daily life. In this article are presented some Biblical and theological elements that characterize the sanctuary as a place where beauty of God shines, where he sets his Tent, and consoles his children, pilgrims going to the definitive sanctuary. The reflection focuses the popular religiosity as privileged place of this meeting between the human being and God who comes to live with his people.

KEY WORDS: sanctuary; popular religiosity; contemplation; beauty; faith.

* Doutor em Teologia. Professor da Faculdade de Teologia da PUCRS.

Em muitas ocasiões da vida, o ser humano encontra-se desorientado, no vazio e na solidão. As tribulações da existência abalam o equilíbrio e reclamam um porto seguro para repousar. Há quem pense que o mundo atual vive à deriva e pode explodir a qualquer momento.

Vivemos hoje uma crise sem precedentes: é o declínio da racionalidade absoluta. Civilizações serem abaladas não é um fato inédito. O específico, porém, do nosso tempo é que, pela primeira vez, a destruição do ser humano pode ser o fim de todo planeta. A crise do indivíduo coloca em risco as relações sociais e a preservação da natureza e do cosmo. O caminho de saída supõe a urgência de uma nova civilização, estabelecida a partir de outros princípios, onde objeto e sujeito, fé e razão, sentido e realidade passam a se integrarem mutuamente.

Em meio ao caos, as pessoas procuram um elemento que lhes devolva a unidade perdida, reintegrando o que foi fragmentado. É nessa paisagem de crise que os santuários aparecem. Verifica-se, então, a busca dos santuários como lugar do encontro do ser humano com o Mistério. Sinal visível desse dado é o número expressivo da mobilidade humana que esses templos atraem. São espaços sagrados que permitem resgatar o diálogo salvífico entre Deus e a pessoa. Relação muitas vezes esquecida pelo ser humano, principalmente quando vive no corre-corre das grandes cidades. Esse diálogo se realiza na história humana, marcando o espaço e o tempo, o aqui e agora de cada pessoa.

1 Rumo ao Santuário

Estar a caminho, ao longo da estrada, é a condição real do ser humano: *homo viator*.¹ Faz parte da essência da fé cristã o caráter provisório e inacabado da existência na terra. O peregrino sabe que a caminhada é, antes de tudo, uma realidade interior que tende ao Absoluto. Caminhar é uma categoria espiritual. Na caminhada exterior, o ser humano quer encontrar-se consigo mesmo. O Caminho de Compostela, na Espanha, conhece muitos testemunhos de pessoas que realizaram o trajeto e encontraram novo sentido para viver. Quem caminha rumo a um santuário, na verdade está à procura da sua realidade mais íntima e mais profunda. Aquele que tem fé vive como um andarilho, não quer instalar-se no provisório ou fixar-se em suas construções. Experimenta a vida como uma contínua peregrinação, uma

¹ Cf. DUPRONT, A. *Pèlerinages et lieux sacreux*, en. ENC, AC. Nota 3, 729.

procura da fonte existencial que sacia sua sede. Sua vocação essencial é colocar-se a caminho em busca da razão profunda das coisas, buscar o que é maior ao caminho e ao caminheiro.²

Quem se coloca a caminho nem sempre tem claro o sentido último de sua peregrinação. Deus, contudo, encaminha a experiência humana, confusa e insegura, para um encontro com o divino: “*Guiarei os cegos por um caminho que eles não conhecem; vou levá-los por uma estrada que não conhecem; diante deles, transformarei as trevas em luz, e os caminhos pedregosos em terreno plano. Eu mesmo vou fazer tudo isso e não deixarei de fazê-lo*” (Is 42, 16).

O fundamento da prática de peregrinar aos santuários cristãos encontra-se na fé judaica que há muito tempo tem como meta Jerusalém. Ela é a cidade-templo. Os árabes a chamam de “a Santa” (Quds). O Salmo 102 a canta dizendo: “Aos teus servos são estimadas as pedras de Sião”. Famosos são os versos do Salmo 122 que proclamam: “*Alegrei-me quando me disseram: ‘Vamos à casa de Javé!’ Nossos passos já se detêm junto aos teus umbrais, Jerusalém! Jerusalém é fundada como cidade bem compacta. Para ela sobem as tribos, as tribos de Javé, segundo o costume de Israel, para celebrar o nome de Javé*” (vv.1-4). O Salmo é um Hino a Jerusalém, cantado pelos peregrinos que se dirigiam à cidade para as festas. Reflete a alegria de caminhar e fundamenta a própria vocação da humanidade: reunir-se para partilhar a liberdade e a vida. Jerusalém é a cidade-símbolo que abriga o povo, reunido em torno do projeto de Javé: “Aquele que assegura a justiça para todos”. A cidade santa de Jerusalém é o lugar sonhado por todo israelita. As imagens do trito-Isaiás a cantam com expressões femininas e fecundas. Ela é a esposa por excelência, a amada e habitada pelo Senhor. Ela recebe a abundância de bênçãos e as distribui a todos os seus filhos. Andar em Jerusalém é como entrar no abraço de Deus e sentir o palpitar de seu coração.

A peregrinação está intimamente ligada ao sentido da conversão. Quem procura o santuário caminha em direção à vida nova que só Deus pode oferecer. As curas corporais acontecem, mas são excepcionais e raras nos locais de peregrinação. O que mais se percebe são as curas do coração, oferecidas a todos; cada um as recebe em seu nível e conforme sua necessidade. A vida cristã é feita de sucessivas conversões. A

² Cf. MATOS, H.C.J. *A Oração dos Simples. Ser peregrino: condição existencial do Cristão*. Belo Horizonte: Promoção da Família Editora, 1991, 23.

primeira é a do batismo. As outras acontecem ao longo da existência. Se, por um lado, é possível constatar e se admirar dos milagres de curas físicas, dificilmente se contabilizarão as curas interiores, que são numerosas. E estas últimas são fundamentais nas intenções de Deus.³ A peregrinação estabelece uma meta que simboliza e atualiza o caminho humano rumo ao fim sobrenatural. Partir significa romper com a inércia habitual, é dispor-se a avançar, crescer e conhecer o novo. Deixar a própria casa é abandonar atitudes rotineiras e, por vezes, mediócras, dispondo-se ao futuro de Deus.

2 A “Tenda” da presença

Santuários podem ser encontrados em todas as partes do mundo. Cada cultura, região e povoado tem o seu, especialmente freqüentado e amado. São pronto-socorros espirituais que ajudam o ser humano a encontrar razões para viver em meio às vicissitudes da vida e nortear a busca de sentido para a existência humana. Desde o Antigo Testamento, o Templo possui uma teologia singular. Após o exílio, todo Israel foi chamado a cumprir sua função sacerdotal. A reconstrução do Templo, revestido de esplendor, a restauração das muralhas de Jerusalém e a peregrinação dos pagãos ao Monte Sião eram entendidas como sinais da salvação.

O centro de toda Jerusalém é o Templo, o seu coração: a *Shekiná*, a tenda da presença. O Templo foi construído para abrigar a arca que continha o testamento da Aliança: o Decálogo. Enquanto o povo peregrinava pelo deserto, a *Shekiná* assinalava a presença viva de Javé entre o povo. Quando os nômades israelitas passaram a morar na terra prometida, decidiram construir uma casa digna da presença da arca. Foi, então, que Salomão construiu o exuberante Templo destruído durante o exílio, reconstruído anos antes de Cristo e totalmente destruído algum tempo depois. Atualmente existem apenas as pedras do “muro das lamentações” que permanecem como testemunha material da época da ostentação do Templo. Israel, entretanto, continua a peregrinar a Jerusalém: lugar do encontro com o infinito. O Templo de Jerusalém é o símbolo privilegiado da reunião dos filhos de Deus dispersos, é o coração da nova aliança. “*Serão um só povo, o povo da Nova Aliança, porque estão reunidos no mesmo Santuário, para adorar o único Rei e Senhor*” (Ez 37, 21-26, 28).

³ Cf. LAURENTIN, R. *Lourdes, Cronaca di un mistero*. Milão: Mondadori, 1987, p. 257.

O santuário testemunha que o ser humano não foi feito para viver e morrer, mas para viver e vencer a morte na vitória de Cristo. No templo sagrado o presente não é um ponto final e perene. Saboreando nele o amor de Deus, os crentes reconhecem que ainda estão a caminho. É como se a edificação terrestre remetesse à edificação invisível, maior e mais plena: a Jerusalém celeste, o Reino da Trindade. O santuário faz o cristão desejar o céu. Da mesma forma, ele remete à idéia de conversão, porque, a cada dia, toda pessoa deve recomeçar sua peregrinação rumo à graça.

Os santuários são memórias do dom gratuito de Deus para com seu povo. Eles evocam aparições, milagres, sinais, eventos fundadores, que constituem a verdadeira origem da devoção popular em determinado lugar de fé. Quem entra num santuário, antes de tudo, agradece a Deus os benefícios recebidos. Esses são sinais do seu amor para cada pessoa e para todo seu povo fiel. Na dimensão penitencial, o santuário evoca o momento de reconciliação e vida nova que os sacramentos e as práticas penitenciais possibilitam. O peregrino chega a ele especialmente disposto a pedir perdão e é ajudado a abrir-se ao Pai, rico em misericórdia (*Ef 2,4*).

Os santuários exercem sua missão profética enquanto devem criticar a miopia das realizações humanas, que tendem a impor-se como absolutas. Eles contestam os projetos presunçosos que falsificam a verdadeira esperança no futuro que só Deus pode garantir. É a denúncia profética contra as ditaduras políticas, o terrorismo, as guerras, as ideologias que pretendem dizer tudo sobre o homem, os sistemas injustos, opressores e geradores das massas empobrecidas de nosso planeta. O santuário há de identificar os sinais do anti-Reino de Cristo para ajudar a humanidade a refazer o caminho do Evangelho, abandonando os falsos ídolos e optando pela vida sempre. A provisoriedade de todos os projetos mundanos não significa desprezo pela matéria, pelo corpo, pela sociedade e pela organização do mundo. Trata-se, muito mais, de manter a constante esperança de que o absoluto e a plenitude da verdade só serão acessíveis, quando Deus inaugurar o seu Reino e convidar toda a criação a fazer parte do seu santuário.

Sua postura em relação ao presente é de relatividade sobre tudo o que é penúltimo em relação à Pátria última. Isso não impede que os santuários trabalhem para ajudar a humanidade a descobrir, entre os valores que passam, aqueles que permanecem. Na sua força profética, os santuários exercem a função de educadores dos valores éticos,

especialmente dos valores da justiça, da solidariedade, da paz, da integridade do criado, a fim de contribuir para o crescimento da qualidade de vida para todos.

Nas origens dos santuários há motivações de caráter sobrenatural. As construções de pedras edificam a comunidade humana em templos mais perenes e importantes. Os edifícios sagrados testemunham os fatos extraordinários, as graças alcançadas e os milagres (mesmo que não o sejam no sentido estrito). A aparição, como uma visão ou um sonho, gera um movimento concreto e real de homens e mulheres fascinados e atraídos pelo Mistério.

3 Expressões populares da fé

Hoje, com a ajuda da antropologia cultural e da psicologia social, é possível identificar na religiosidade popular, elementos significativos da experiência humana e profunda vivência religiosa. A religiosidade popular é constituída por uma gestualidade maior do que as formas oficializadas pela religião. Busca, também, um maior envolvimento emotivo, que aumenta o significado da festa. “Essa religiosidade não tem dono, nem chefe, nem regras definidas. Quem a cria, solta-a no mundo. O povo a divulga, o povo a modifica. As devoções populares a Maria, como o terço, as novenas, as promessas, as fórmulas de consagração e as romarias são manifestações do coração. Não se movem pelas leis, mas pelo desejo de sintonizar com Maria, do jeito que o povo sabe e pode”.⁴

A *Evangelii Nuntiandi*, de Paulo VI, permite um novo olhar da Igreja sobre essa realidade. O texto menciona a descoberta do valor da religiosidade no meio do povo e reconhece que nela está presente a “sede de Deus, que somente os pobres e os simples podem experimentar [...]. Ela, depois, suscita atitudes interiores que raramente se observam alhures no mesmo grau: paciência, sentido da cruz na vida cotidiana, desapego, aceitação dos outros, dedicação, devoção, etc”.⁵ É considerando o valor dessa experiência com o sagrado, que a *Evangelii Nuntiandi* prefere denominar a religiosidade do povo como piedade popular, no sentido de religião do povo, em vez de religiosidade.⁶

⁴ CNBB. *Com Maria rumo ao novo milênio*. São Paulo: Paulinas, 1998, p. 22.

⁵ *E.N.* 48.

⁶ *Ibidem*.

4 Os sinais de Deus com seu povo

Outro elemento forte nos santuários são os registros das graças recebidas. Os ex-votos não têm a preocupação de afirmar se cada motivo de agradecer é graça, milagre ou prodígio. É importante, porém, procurar definir o milagre. Ele é uma mensagem de salvação, é o início de um diálogo entre o céu e a terra. Deus age em favor de seus filhos para lhes revelar sua vontade amorosa. Geralmente, os milagres têm uma função pedagógica: querem ensinar toda a comunidade crente e alastrar sua mensagem à sociedade. O milagre não se concentra sobre o miraculado, sobre quem recebe a intervenção sobrenatural. Ele se vale de uma parte para beneficiar o todo, faz de alguém instrumento da misericórdia divina. O instrumento não é entendido como um objeto, mas como um missionário do céu. Muitas vezes a mensagem é muda, não precisa gritar e anunciar, basta ver o paralítico que anda ou o doente desenganado pela medicina que volta às suas funções para que esta “instrumentalidade” se efetive.

O milagre não é imposto, ele deve ser reconhecido, isto é, será preciso perceber quem é o autor do fato extraordinário, conhecer o Deus invocado e inatingível que se abaixa para escutar a dor do seu povo. O reconhecimento é um ato de fé que depende da liberdade humana. Engana-se quem pensa que o milagre é capaz de converter um descrente. Nem sempre. Depende da situação de abertura e acolhida do dom que vem ao encontro do ser humano. A fé é o elemento que dá sentido ao milagre que aparentemente parece absurdo à lógica dos fatos. O milagre também não dá respostas, antes, incita perguntas novas. Quer estabelecer um diálogo maior entre Deus e suas criaturas, quer preparar a humanidade para acolher a mensagem divina. No caso de Caravaggio, por exemplo, as curas eram comprobatórias das palavras de Joaneta e suscitavam a inquietação de rezar mais (construção da Igreja) e pensar mais nos irmãos que se aproximavam (o hospital).

No caminho de descobrir o que é o milagre, é preciso compará-lo com outros sinais de Deus no meio de nós. Há muita gente que pensa nas curas causadas pela auto-sugestão como milagres de Deus. Com a Igreja, é preciso reconhecer que só será atestado o milagre, quando houver intervenção extraordinária, sobrenatural e sem explicação plausível nas ciências. Deve ser um ato repentino, estável e inexplicável. O seu objetivo será sempre um benefício. Diferentes são as curas que a psicologia pode explicar, principalmente em situações de desequilíbrio emocional temporário. Nesse caso, a oração pode ser um aliado

fundamental, e Deus provavelmente ajudará para que o resultado seja o melhor possível no menor período de tempo. O que não se pode é atribuir a milagres essas mudanças de estado emocional.

5 Contemplar a Beleza com os olhos da fé

Na infinita comunicação amorosa de Deus com a comunidade humana, conhece-se uma miríade de formas, mensagens e sinais da presença do Criador entre suas criaturas. Tudo aponta para esta “sinfonia” harmoniosa que o Criador sempre está revelando seu amor. Há quem consiga escutar mais que outros através da sensibilidade para com as coisas do Eterno. Alguns escutam apenas uma nota, outras uma linha melódica, há, entretanto, quem se sente inebriado pela sinfonia e colhe toda a música que o Divino Músico executa.

A experiência de fé se configura em relação ao inefável. Deus, que está além do mundo palpável, da realidade natural e sensível, não pode ser jamais capturado pelo nosso conhecimento. Essa inefabilidade, entretanto, não se traduz num silêncio absoluto. Na relação com Deus, o ser humano expressa, na arte e na beleza, a “presença” do Criador e de sua glória. A pessoa é, ao mesmo tempo, uma totalidade espiritual e sensível em função da encarnação; os sentidos afinados percebem sensivelmente o invisível, ou melhor: o trans-sensível.

Os ritos religiosos expressam a beleza de seu significado. Sons, gestos e símbolos entrelaçam-se para constituir uma realidade maior, mais próxima do transcendente. A música quer o enlevo e procura agradar aos ouvidos; as cores tendem ao descanso da mente, o incenso inebria o olfato, os símbolos enchem os olhos, o comer e o beber saciam a fome e a sede do bom paladar, o toque e o ósculo revelam ao tato uma sensação mística. Tudo concorre para apresentar, liturgicamente, o bom e o belo, expressões veladas do único e verdadeiro Belo e Bom. Para os teólogos orientais, tudo é virtualmente sagrado, pois tudo pode tornar-se sacro, mediante a experiência do divino. Por outro lado, nada é profano e nem neutro, porque tudo se relaciona com Deus.

Deus e o homem assemelham-se. Resta saber e discernir reconhecendo o lugar do Criador e da criatura. “Deus vem ao nosso encontro: da ética ele faz a ascese da criação; da estética, a manifestação de sua beleza”.⁷ A contemplação, portanto, não estética, mas religiosa,

⁷ EVDOKIMOV, P. N. *Teologia della Bellezza: l'arte, dell'icona*. Milano: Mondadori, 1990, p. 47.

revela-se como enamoramento de cada criatura. É evidente que não é na natureza que se situa a verdadeira beleza, mas na epifania do transcendente, que faz da natureza a irradiação do seu fogo divino e inextinguível.

A experiência da contemplação da Beleza divina não é um êxtase que se remete para fora do mundo, mas é a antecipação da transfiguração de todo ser. A participação dos sentidos é um dos elementos mais surpreendentes. É nessa direção que afirma Rubem Alves: “Experiência mística não é ver seres de um outro mundo. É ver esse mundo iluminado pela beleza”.⁸ Os santuários são lugares privilegiados de contemplação da Beleza divina que brilha entre os bens terrenos.

⁸ ALVES, R. Fora da Beleza não há salvação. *Revista Isto é*, dez. 2000.



FACULDADE DE TEOLOGIA DA PUCRS

Informações???

